

A Fisionomia Espiritual de São Gaspar Bertoni



Único retrato de São Gaspar feito em vida, pelo pintor Gaetano Vedovelli

Pe. Ignazio Bonetti, CSS

1972

Tradução:

Pe. Benedito Andrade Bettini, CSS

Edição Eletrônica:

Setembro / 2005

Seguir Cristo de perto, a custo da vida.

"Pe. Bertoni era um apaixonado de Cristo, tinha um coração semelhante ao de Paulo, de quem foi dito que o coração de Paulo é o coração de Cristo; vivia intensamente a vida de Cristo e não desejava possuir outra ciência a não ser a de Cristo, nem ansiava pregar senão Cristo, e Cristo crucificado".

Assim, com finura de intenção, o Bispo de Verona D. Giuseppe Carraro soube captar - por ocasião da beatificação - o espírito do novo santo Veronês. Desde jovem sacerdote Pe. Gaspar escreveu que "a perfeição de todo grande santo consiste na conformidade com Jesus Cristo"; e já havia anotado no seu diário espiritual: "Devemos fazer de nós mesmos um retrato de Cristo. Pedir a graça de segui-lo e de ter verdadeiro zelo pela sua glória e pela salvação das almas".

Percebe-se já nestas expressões a ânsia desta radicalidade evangélica que constituirá a nota mais característica do esforço espiritual e apostólico de Pe. Bertoni.

"Forte movimento de seguir Cristo de perto a custo da vida, na pobreza e na ignomínia (Memorial privado 25.9.1808). Ele proporá aos alunos do seminário, nas Meditações dominicais, "seguir Cristo na mais estreita imitação da sua vida e com o desejo de estar-lhe ao lado na mesma Paixão, esmagando os olhares humanos e tendo ódio até da própria vida (Jo 12, 25).

A palavra de Deus, regra do pensar e do agir.

Evangelicamente radical, já aparece o esforço com que Pe. Bertoni se aplica ao estudo e à meditação da Palavra de Deus. Não havia ainda no Seminário uma cátedra de ciências bíblicas. Ele, "desde clérigo já havia, mais de uma vez, lido e aprendido a S. Escritura, atesta dom Caetano Giacobbe, e já sacerdote havia feito dela seu principal e caríssimo estudo. Ela era o seu guia e o seu sinal".

"O seu falar - refere-se um dos primeiros padres dos Estigmas, Giovanni Battista Lenotti - era, pode-se dizer, uma linguagem toda escriturística".

A Palavra de Deus - é para Pe. Bertoni - conforme uma fórmula que ele escolheu como tema de uma pregação, feita na festa da Epifania de 1806, "a regra do pensar e do agir".

Saber unicamente o Senhor crucificado.

Guiado pela Palavra de Deus, sobretudo por S. Paulo, Pe. Bertoni fixa a sua devota atenção principalmente no mistério de sua morte e ressurreição.

Na pregação, ainda jovem sobre a Vida espiritual, ele propusera o ideal da vida cristã como um caminho de participação na morte e ressurreição de Cristo e procurou adequar a este ideal, coerente e constantemente, o próprio esforço espiritual .

"Na oração se comece por Cristo e sua Paixão - escreveu no M.P. - depois se deixa livre o espírito, se Deus atrai". "Na oração - reforça nas Meditações aos seminaristas - procede-se da vida à Paixão, à Ressurreição de Cristo".

Quão profundamente estivesse impressa no coração de Pe. Gaspar a imagem do Crucifixo nota-se de algumas notas do Memorial Privado. "Grande desejo de união e de associação às penas e ignomínias suas, com pedido de graça de sofrer e ser desprezado por Ele". E ainda: "Sentimento de me oferecer para sofrer com Ele e por Ele, alguma vexação". O seu primeiro biógrafo afirma que "tudo quanto sabia não queria jamais que o desviasse daquela ciência sublime do saber unicamente o seu Senhor Crucificado".

A devoção aos Sagrados Estigmas de Cristo.

Uma devoção toda particular Pe. Bertoni cultivou e infundiu nos seus filhos para com as Cinco Chagas do Senhor, das quais - com o título de Congregação dos Sagrados Estigmas de N. S. J. C. - recebeu nome o Instituto por ele fundado. Em sua honra ele instituiu na sua igreja a celebração do pio exercício chamado tradicionalmente da Boa Morte; era feito toda sexta-feira de tarde, única função pública durante a semana, e compreendia como momento central a recitação da Coroa das Cinco Chagas. Interessante o fato de que Pe. Gaspar sempre quis reservar para si, até quando lhe foi possível, a meia hora de meditação proposta durante aquele pio exercício. Também a festa das Cinco Chagas era celebrada regularmente, e com solenidade, na Igreja dos Estigmas.

Nas feridas dos cravos e da lança Pe. Bertoni reconhece o momento mais atroz da Paixão do Crucificado, objeto de viva compaixão e de uma eficaz resposta de amor. "Olhai aquelas mãos, aqueles pés, como chagados; este lado, como aberto", exorta seus ouvintes na pregação sobre a Paixão. E acrescenta, voltado para o Crucifixo: "Quando os fiéis vierem agora "beijar as vossas Chagas e confundir as suas lágrimas com o vosso Sangue, possam compreender e executar o que Vós pedireis ao seu coração neste ponto".

Na devota contemplação de Pe. Bertoni, como na dos grandes místicos, estão presentes também as mesmas feridas dos cravos e da lança conservadas pelo Ressuscitado no seu corpo glorioso como sinais da perpetuidade do Sacrifício Pascal. "Imaginaí vê-lo como apareceu aos discípulos todo vivo e luminoso - sugere nos Exercícios ao clero - com as cicatrizes das Chagas, enquanto vos chama também ao céu. Pedi a graça de participar desta imensa

alegria do Salvador. Cristo entrou no céu com as cicatrizes das suas Chagas: eis o preço com o qual ele comprou este reino; nem podia ser por menos".

Escrevendo ao seu caro Pe. Bragato - confessor e capelão da Imperatriz na Corte de Viena - Pe. Gaspar o exorta a "habitar com o espírito nas Chagas ao Salvador", para alimentar assim o amor à humildade e ao escondimento; e junto lhe sugere: "Ficai alegre e quando vos ocorrer um pouco de alegria, voai com o pensamento até ao quarto de Pe. Michele - o Pe. Gramego, chamado pela sua alegria "a delícia da recém-nascida Congregação - se não tendes sempre as asas prontas para apoiar sobre as nuvens no seio do vosso Deus, e nas Chagas gloriosas do Salvador".

Olha este meu coração.

"O lado aberto depois da morte, só para nos mostrar aquele coração, o mesmo coração ferido pela lança, a ferida conservada no coração glorioso, fazem-no um símbolo tão suave, evidente, divino, que é impossível venerar o coração ferido sem recordar e venerar o seu imenso amor".

Uma nota do M. P. dá uma idéia da profundidade da devoção ao S. Coração vivida por Pe. Gaspar e da sua fecundidade espiritual.

"Rezando antes da missa, a nota é de 30.5.1812, ouvi uma voz saída do Crucifixo dizer-me ao coração: Olha este meu coração. Esta palavra iluminou-me subitamente a inteligência e deu-me grande e imprevisto ardor no coração. Voltando o meu espírito para ver o objeto amável indicado, senti correr por todo o corpo um arrepio, e fiquei com os olhos e boca fechados, mas a alma toda atenta e cheia de alegria. Parecia que a alma quisesse se separar do corpo, parecia morrer, mas ao mesmo tempo gozar. Ela permaneceu com alegria nas mãos do Senhor, encontrando-se muito quieta como se estivesse morta. E de repente recuperou o uso dos sentidos como antes. O efeito foi uma terníssima devoção ao Sagrado Coração e grande afeto na missa".

O sofrer e a paciência.

A cruz teve uma parte muito relevante na sua vida: a começar pela doença, que o golpeou de forma bastante grave pela primeira vez aos 35 anos, e que entre recaídas e novos incômodos foi-lhe companheira praticamente inseparável até os últimos trinta meses contínuos transcorridos numa imobilidade quase absoluta.

Numa carta a Pe. Bragato, que o conhecendo bem, lhe havia desejado para o início do ano de 1840 "mil "bênçãos, não excluídas as cruzes", escreveu: "Que melhor bem podeis desejar aos vossos amigos que não sejam as cruzes? Certo, a mim não podíeis dar um prazer maior. Não que eu tenha a força de carregá-las, mas o Senhor me dá a graça de apreciá-las; e conto

com as vossas orações e com a divina misericórdia, junto com o sofrimento, também a paciência!

A doença era considerada por Pe. Gaspar "a escola de Deus" por excelência. E tinha apenas saído duma gravíssima doença, a de 1812 que o levara à beira da tumba, quando escrevia à Leopoldina Naudet, golpeada, por sua vez, por uma dura prova: "Quando eu estava muito mal parecia-me que o Senhor se servisse de mim, como para um jogo da sua amorosa Providência. Coragem, coragem! A cruz é a porção melhor que Deus reserva a quem lhe é mais caro, e não bocado para todos".

O segredo dos santos.

Impressiona, em Pe. Bertoni, o altíssimo apreço que ele demonstra pelas virtudes religiosas.

A pobreza é o "capital necessário" para dirigir qualquer empresa no reino de Deus (cf. Lc 14,28-33). Graças à humildade "no fundo do próprio eu se encontra Deus". Por força da castidade, o homem se torna capaz de "imitar a pureza angélica". A obediência é "o sinal dos sinais e selo de todos os testemunhos".

Sobre o modo como efetivamente Pe. Gaspar e com ele os seus filhos viveram as virtudes religiosas, há um notável testemunho, dado por Pe. Giovanni Batista Tomasi, onde é sublinhado com perspicácia aquele "segredo dos Santos pelo que sabiam conciliar juntas tantas coisas que com os critérios humanos são de tudo inconciliáveis. Eles, de fato, souberam unir:

1. A busca contínua do mais útil escondimento com uma fama ilustre de santidade.
2. A penitência mais austera com a mais sincera alegria.
3. Um heróico desinteresse e um verdadeiro espírito de pobreza com as despesas para construir a casa e a igreja, concluídas sem dívidas, inclusive procurando, sem economia, a qualidade e o decoro.
4. A disciplina mais regular com a variada multiplicidade das ocupações.
5. A submissão mais completa com o pleno desenvolvimento das atividades individuais dos confrades.
6. O constante estudo e trabalho com a mais sólida piedade."

A arte de gozar sempre.

Pe. Giovanni Rigoni, fazendo o elogio de Pe. Francisco Benciolini, disse que este fiel discípulo de Pe. Gaspar "copiou em si do Fundador a arte de gozar sempre: pelo que aparecia a nós e a vós de tal maneira que nos

deixava de bom humor". O próprio Pe. Gaspar escreveu numa carta a L. Naudet: "Somos poucos e já gastos na saúde e necessitados de um pouco de repouso; porém, repletos de consolação por um fruto copioso, mesmo com respeito a nossa fraqueza, que Deus nosso Senhor sabe tirar e exprimir das nossas angústias e tribulações, e não sem grande gáudio".

"Em tanto incômodo e pobreza eles tão alegres e contentes que era uma páscoa só vê-los e ouvi-los": é um testemunho do Pe. Carlo Zara. Ao qual faz eco o do célebre literato filipino Pe. Bartolomeo Sorio: "É notório que os Padres dos Estigmas encontram no seu superior Pe. Gaspar Bertoni, e na sua guia, uma grande compensação por todos os seus incômodos, e viviam num verdadeiro contentamento de espírito que não se pode, nem de longe, simular".

Mas o fator mais determinante deste clima finca suas raízes naquela visão de fé que tinha sido expressa por Pe. Bertoni numa de suas pregações juvenis: "Embora as tribulações desta vida parecem colocar um dique ao livre curso das celestes consolações, elas não fazem na realidade que reuni-las em maior abundância, redobrando a sua capacidade, até que no fim, superabundando, extravasam".

O vértice do seguimento de Cristo: o amor esponsal.

Ao ilustrar o caminho do seguimento de Cristo Pe. Bertoni se detém, a certo ponto, também a descrever a variedade das etapas alcançadas, conforme os vários graus de fidelidade ao convite do Senhor. "Muitíssimos seguem Cristo pelo pagamento temporal, diz na pregação sobre São Francisco, mas o mercenário, junto da porta, é pago e fica excluído da casa. Muitos seguem Cristo como servos, por temor. Alguns seguem Cristo como filhos, por amor um pouco interessado na herança. Poucos seguem Cristo como amigos. Pouquíssimos seguem Cristo como amantes que, atraídos pelo seu perfume, correm atrás dele, mas não conseguem acompanhar o seu passo. Mas a esposa adulta na escola do amor, não é atraída pelo perfume, mas pela direita do Esposo; e agarrando-se firme e apoiando-se nele, caminha passo a passo e com Ele não corre, mas voa".

"Eu te esposarei na fé, na justiça, na caridade" (Os 2,19), porque estas são, de fato, as gemas preciosas com as quais Deus adorna a alma". Este trecho, como o precedente, é extraído das pregações juvenis de Pe. Gaspar. "E que beleza poder-se-á comparar com aquela de uma alma que Deus mesmo prepara o hábito de fazê-la sua esposa? Dir-vos-ei somente, cheio de assombro, que quem se une a Deus com uma adesão assim tão estreita torna-se, pela transformação amorosa, um mesmo espírito com Ele".

Esta visão esponsal do relacionamento estabelecido entre a alma e Deus é particularmente querido ao Pe. Bertoni. É, sobretudo, em contato com

a Bíblia, com os Padres e com a tradição da Mística que ele pode amadurecer esta visão e fazê-la uma componente significativa da sua espiritualidade.

Os santos esposos Maria e José.

Com esta espiritualidade se liga também a especial devoção cultivada por Pe. Bertoni para com o mistério dos Esponsais de Maria com José e o fato de que ele escolheu os Santos Esposos como Patronos e Modelos da sua Congregação. "Virgem santíssima, - é uma das invocações recitadas tradicionalmente pelos filhos de Pe. Bertoni na novena e na festa dos Santos Esposos, que cai no dia 23 de janeiro - pelos virginais Esponsais que celebrastes com o vosso castíssimo esposo São José, fazei que a minha alma se espose espiritualmente com o vosso Filho e meu Senhor Jesus".

Quanto à devoção de Pe. Gaspar à Nossa Senhora e São José, além do mistério dos seus Esponsais, basta recordar algumas testemunhas dos contemporâneos que trazem à luz, além da riqueza da sua piedade pessoal, a eficácia do seu zelo apostólico.

"Rezava frequentemente à Nossa Senhora e pelas suas pregações se notava uma alma muito amante de Maria", atesta um antigo oratoriano dos Estigmas. Pe. Camilo C. Bresciani, também testemunha ocular, chega a dizer: "Depois que em Verona foi supressa a Ordem dos Servos de Maria, a amorosa Virgem suscitou um novo Felipe Benizi para conservar viva a devoção para com Ele, sua Mãe e Senhora".

"Foi Pe. Bertoni quem, por primeiro, introduziu e desenvolveu em Verona a devoção a São José - é uma outra testemunha - introduzindo ele o livrinho do Mês de São José, que tanto elogiava e procurava pregar".

A oração e as orações.

"A oração tem igualmente asas para voar ao céu e pés para caminhar sobre a terra". Assim em uma das pregações juvenis: "E enquanto tem as mãos continuamente em movimento para agir, sabe também repousar tranquilamente com o coração em Deus. Tem olhos para vigiar, para presidir, para dirigir-se nos afazeres temporais; e tem também um outro olhar mais agudo sua mente com o qual jamais perde de vista o último fim seu, para conciliar-se com o divino "beneplácito em cada ato seu e para endereçar tudo à sua glória. Tem língua para falar com os homens, e também secretamente abre na alma todas as suas potências interiores, como outras tantas bocas, para não cessar jamais de louvar e bendizer o seu Deus. Trata assim com o mundo, e conversa com o seu espírito nos céus. "E mais, atraindo a si por amor o seu Deus, encontra-o em si e o possui na abundância da paz: e goza, assim, já nesta terra um outro paraíso".

O Espírito de oração é alimentado mediante um oportuno programa de exercícios de piedade em que, suspendendo qualquer outra ocupação, se dedica totalmente a Deus e se alimenta, por assim dizer, daquele espírito animador da vida. Tal programa não pode ser igual para todos, mas varia conforme a diversidade das vocações; mas compreende, normalmente, exercícios de piedade quer litúrgicos como não litúrgicos. Apontamos aqui só o modo como Pe. Bertoni entendia e vivia a Meditação, a Eucaristia, a Liturgia das Horas.

A respeito da Meditação da Palavra de Deus é ressaltada pelos biógrafos a intransigente fidelidade com que ele a praticava e queria que fosse praticada pelos seus filhos, cada dia. "Pe. Gaspar estava sempre unido a Deus graças à meditação - atesta Giacobbe - e isto que ele praticava fielmente, recomendava com muito calor às pessoas consagradas. Aconselhava-a à todos, também aos jovens dos Oratórios por ele fundados, muitos dos quais deram frutos prodigiosos por causa deste santo exercício. Mas para os seus religiosos ela constituía um dever rigorosíssimo, pelo que podia tolerar neles a omissão de qualquer outra obrigação, mas da meditação nunca jamais."

Da Eucaristia também afirma Pe. Giacobbe que "era a mais bem-aventurada delícia ao seu coração. Aqui o seu espírito encontrava a mina de graças e de dons celestes que parecia que o transformassem em outro homem. Por isso ele suspirava por esta abençoada hora de celebrar e, junto a ela, a gozava toda". Outro testemunho de Giacobbe: "Eu o vi muitas vezes prostrado diante do SS. Sacramento e celebrar a S. Missa animado de tanta fé e piedade que parecia S. Afonso de Ligorio ou um S. Felipe Neri". É significativo o fato de que as numerosas experiências da mais elevada oração contemplativa vividas por Pe. Bertoni e por ele assinaladas no Memorial Privado, são verificadas quase todas em conexão com a celebração eucarística.

"A celebração do Ofício Divino considerava-a não somente como um dos seus principais deveres, mas, ainda mais, como uma doce conversação com Deus. Por isto era rigorosamente solícito em recitá-lo com exatidão: quanto ao tempo, atendo-se, quanto mais possível, à distribuição canônica das horas do dia e quanto ao modo, com pronúncia clara e destacada, com as devidas pausas e com tudo aquilo que se resume nos três advérbios - digna, atenta e devotamente - que ele observava com escrupuloso cuidado, não somente na letra, mas sobretudo no espírito". É digno de nota neste testemunho, devido também a Pe. Giacobbe, a observação sobre o cuidado de Pe. Gaspar em observar a distribuição das partes da oração litúrgica conforme as Horas marcadas.

Abandonar-se em Deus

"Um homem de oração não faz senão ir de encontro com as coisas conforme o Senhor dispõe com a sua Providência. Não previne, não precede: tudo é ordem, tudo tranquilo. Não é precipitado, não apressado. Espera o tempo, as circunstâncias. Tudo isto seguindo a Deus".

Pe. Bertoni "modelo de santo abandono", conforme os biógrafos, expressou claramente nestas suas palavras qual é o significado essencial deste comportamento do espírito: que os teólogos consideram uma forma superior de exercício das virtudes teológicas, especialmente a esperança, e do qual ele mesmo afirma no Memorial Privado que "o abandonar-se totalmente em Deus é um modo de maior perfeição".

Escrevendo à L. Naudet ele precisa ainda melhor as etapas concretas do caminho do santo abandono: "Assim procede a coisa: um passo onde se vê claro, esperando para fazer o segundo na medida em que a clareza aumenta. A esperança que o Senhor dá nos mantém firmes em esperar o momento de luz, se ainda estamos no escuro sobre os pontos do nosso agir. Se, pelo contrário, estamos no claro, ela nos impulsiona à execução. Esta é a prática da sua Esposa, a Igreja. Ela não deixa de buscar luz para agir. Este é o perfeito modelo do abandono a nosso Senhor".

Não é fácil chegar a tal "modo de maior perfeição". "Para se obter estas luzes, ensinava ainda Pe. Gaspar, é" necessária grande oração". Uma das máximas que aparecem mais frequentemente em seus escritos, tirada de S. Inácio, se refere exatamente à dificuldade de viver no espírito do abandono em Deus: "Pouquíssimos são aqueles que sabem o que Deus faria com eles, se Ele não fosse por eles impedido nos seus desígnios".

Por outro lado, é realmente maravilhoso, uma vez que se empenhe em superar presunções humanas, abandonar-se totalmente nas mãos amorosas do Pai. "Confiemos em Deus, que é belo confiar, desconfiados totalmente de nós, escreve Pe. Bertoni a Pe. Bragato. E à L. Naudet: "Feliz aquele que se perde neste abismo! que se lança, afoito e naufrago, neste Oceano! Ele está tão seguro como o filhinho que dormindo no colo da mãe, esquece qualquer pensamento ou preocupação de si mesmo. Ele não vê, não escuta, não fala. Mas vê por ele e ouve e fala e age a sua mãe. E quando ela quiser, sabe e pode acordá-lo, já que está assim tão perto".

De tudo isto se nota como para o Pe. Bertoni a atitude de santo abandono, longe de ser uma forma de passiva quietude, significa, ao invés, um aumento de coragem e de energia; daquela energia que emerge de modo inconsciente quando o homem aprende a sintonizar-se na onda da amorosa onipotência do Pai.

Tudo para o bem da Igreja.

"A meta de Pe. Gaspar era sempre o bem da Igreja. Desta forma era atento em observar as necessidades presentes da Igreja: estudava, escrevia, pregava, rezava exatamente para isto". São palavras de Pe. Lenotti, que encontram a mais convincente confirmação nos termos usados por Pe. Bertoni mesmo nas Constituições, quando indica o fim da Congregação por ele fundada: "Fim da Congregação é prestar auxílio à Igreja com os vários ministérios próprios da sua vocação, sob a direção dos Bispos. Coisa esta que talvez, possa parecer árdua e difícil, mas nem por isso se pode dizer imprudente ou temerário o propósito da nossa devoção para com a Igreja".

É notável o fato de que Pe. Bertoni considere a Igreja antes de tudo como um Mistério, e diante dela se coloca em atitude de fé, de devoção. A Igreja "é a Esposa de Cristo, que sempre se dirige de modo conforme ao seu Espírito", - que o segue de perto "particularmente por meio das tribulações e das perseguições", - que com ele leva avante a obra da redenção, e coopera de modo particular na formação dos candidatos ao sacerdócio, porque "a vocação é o efeito da escolha gratuita do Esposo, mas ele coloca aí junto o materno cuidado da sua Esposa".

A devoção de Pe. Bertoni para com a Igreja, Esposa de Cristo, se exprime logo na vontade de imitar os seus exemplos: "Senhor, fazei que sigamos o costume da Santa Igreja, assim ensina pregando aos alunos do Seminário, e nos tornemos imitadores dela, como ela o é do seu Esposo e nosso Senhor".

A unidade e a comunhão eclesial.

Muito relevante é a contribuição dada por Pe. Bertoni à vida de comunhão na sua Igreja local. Apresentamos somente alguma testemunha entre as muitas que o apresentam como um verdadeiro construtor da comunhão eclesial. Para com o novo bispo, D. Grassier, os veroneses, embora apreciassem seus dotes excepcionais, mostravam, no início, uma certa frieza por causa da sua origem tirolense. Num dos primeiros encontros com o clero, acontecido no Seminário no fim dos Exercícios, Pe. Gaspar, que fora o pregador do curso, "se prostrou de joelhos diante do novo Bispo e com enorme surpresa de todos lhe beijou os pés como ao Sumo pontífice". O gesto, teve o efeito de quebrar o gelo e estabelecer um relacionamento entre o Bispo e o seu clero que se mostrou, depois, exemplar. O sucessor de D. Grassier, D. Aurélio Mutti dará testemunho, depois, de Veneza, onde tinha sido promovido Patriarca: "Não duvidamos em afirmar que dos sacerdotes de Pe. Bertoni não podíamos esperar um maior e mais vantajoso serviço às necessidades da diocese, pelo que eles se tornaram verdadeiramente merecedores da Igreja e da própria diocese".

É sabido que Pe. Gaspar esteve perto de muitos fundadores e fundadoras, com o seu conselho e ajuda, que no século passado fundaram, em Verona e fora, novos Institutos. "Ouvi sempre que não se poderia começar em Verona uma obra de Deus que não se consultasse Pe. Gaspar", atesta o conhecido escritor jesuíta Pe. Antonio Bresciani. Quando se tratou de restabelecer a presença dos Jesuítas em Verona e a coisa encontra, no início, grandes dificuldades, "Pe. Bertoni ofereceu o Convento no qual habitava a sua comunidade, disposto a ficar em alguns cômodos apenas". É o testemunho de um cronista do tempo, que prossegue: "Se a Companhia crê oportuno, Pe. Gaspar está pronto a ceder as suas Escolas, e se necessário fosse, estaria disposto também a passar para a Companhia os meios necessários para a manutenção das pessoas encarregadas da escola".

O missionário apostólico e santo: muitos ministérios, uma única missão.

Pe. Bertoni fundou uma Congregação de "Missionários Apostólicos em auxílio aos Bispos". Esta é, certamente, a contribuição mais relevante que ele deu à missão da Igreja. Mas isto representa o ponto de chegada de um caminho pessoal que ele já tinha levado a imprimir um estilo missionário a toda a sua atividade apostólica.

À luz desta orientação compreendem-se as escolhas concretas que ele fez no campo da atividade sacerdotal. Aí se nota que ele quis se dedicar a todos os ministérios apostólicos, sempre com uma clara preferência para os últimos e prejudicados, exatamente para que pudesse levar a todos o dom da palavra e da graça do Senhor.

Ele cuidou muito, e até os últimos anos da vida, da pregação, privilegiando sempre as formas mais populares, como as Missões, e a catequese dos adultos na qual queria que também os seus filhos se exercitassem assiduamente e "conseguissem ser claros, populares, agradáveis e frutuosa". Iniciou a obra dos oratórios Marianos após um convite de seu pároco que lhe tinha pedido para tornar-se "missionário das crianças". A Escola dos Estigmas estava destinada preferentemente aos meninos de lugar, então, periférico e pobre da Cittadella, e era gratuita. O zelo apostólico de Pe. Gaspar achou um modo de estender-se aos enfermos, aos feridos de guerra, aos empesteados, aos encarcerados, aos condenados à morte, encontrando aí também não poucas cruzes e perigos.

A mesma atividade a favor do clero foi profundamente animada em Pe. Bertoni pelo espírito missionário. É sabido que as vicissitudes da Revolução e do domínio napoleônico provocaram também entre as fileiras do clero feridas dolorosas e uma certa crise bastante difundida. A Pe. Gaspar foi confiada pelo Bispo D. Inocência Liruti o cuidado especial de um grupo de sacerdotes "trancados no Seminário para correção". Mas estendeu o seu olhar para um

horizonte mais amplo: até propor a todos os seus ouvintes, sacerdotes e clérigos, um verdadeiro "plano de reformas". "São precisos ministros novos, com espírito novo e chamados pelo Espírito Santo renovador e restaurador de todas as coisas, assim Pe. Gaspar em tom solene não costumeiro, abolindo o velho espírito humano, excitando o novo e divino, sob a indefectível retidão e firmeza da Primeira Pedra, o papa".

E o Pe. Bartolomeu Sorio assim fala da atividade por ele desenvolvida a favor do clero: "Pe. Gaspar pôs todo o seu cuidado em fazer reflorescer o espírito religioso no clero secular: e com este espírito de santificação fez ver voltado a Verona os belos tempos de S. Gaetano Thiene, quando a cidade parecia convertida num mosteiro".

A gramática de Pe. Gaspar.

Depois que entrou nos Estigmas com os primeiros companheiros, a 4 de novembro de 1816, Pe. Gaspar gastou grande parte do seu tempo e dos seus recursos, sem deixar os ministérios anteriormente assumidos, na consolidação e no desenvolvimento da nova Congregação. "Com uma mão trabalhava na Escola e nos outros ministérios mais relevantes, escreve Pe. Giacobbe, com a outra se ocupava em instruir e formar no espírito aqueles seus caríssimos, que em número sempre crescente, vinham se agregando a sua família Religiosa".

Escreveu um preciosíssimo texto de Constituições, "escrevendo a pequenas gotas", como confia a Pe. Bragato, das quais, porém, não se preocupou em pedir pessoalmente a aprovação oficial, deixando este encargo aos seus sucessores. Sobretudo Pe. Bertoni soube ser sempre para os seus filhos a regra viva. "O exemplo do Fundador e a observância de cada palavra sua e conselho valia para eles como uma regra e constituição", atesta Pe. Carlos Zara.

As crônicas transmitem a lembrança do extremo cuidado que os filhos de Pe. Bertoni tinham de seguir em tudo o espírito do seu Superior, expresso nas suas palavras, nos seus conselhos, nos seus exemplos. "Mas o que disse Pe. Gaspar?", repetia habitualmente o angélico Pe. Luís Biadego. E também o esperto e concreto Pe. Marani, depois da morte do fundador, se referia sempre como norma suprema para a direção da Congregação, à palavra e ao exemplo do Pe. Bertoni. "O senhor Pe. Gaspar fazia assim, nos ensinava assim", repetia amiúde no seu dialeto vêneto. Se alguém não andava direito intervinha, com bondosa severidade: "Meu caro, falta-lhe a gramática de Pe. Gaspar".

+ + +

Dados sobre o Autor:



Pe. Ignazio Bonetti nasceu em Cavedine, TN, Itália, em 29/10/1919. Foi ordenado sacerdote da Congregação dos Sagrados Estigmas nesta mesma localidade em 27/12/1942, pelas mãos do Bispo Estigmatino Dom Carlo de Ferrari. Após sua ordenação, ensinou Teologia aos estudantes professores em Verona.

Com apenas 33 anos ele foi eleito superior da Escola Apostólica e tornou-se em Verona um ponto de referência para os interessados em cultura eclesial.

Em 1965, junto com alguns outros clérigos, iniciou o Instituto Teológico São Zeno para a formação de seminaristas diocesanos e religiosos no espírito do Concílio Vaticano II. Ele foi também um dos que favoreceu a abertura da Teologia aos Leigos, e foi chamado em muitas partes da diocese para conferências e debates.

Em 1972 ele sentiu-se chamado a uma nova missão na região Sul da Itália, nas comunidades de Salerno, Crotone, Bari e Sapri.

Foi um sacerdote inteligente e sábio, que viveu o que pregava e acreditava. Foi o primeiro superior provincial da Província Santa Maria da Esperança, na Itália.

Viveu uma vida de intenso amor ao nosso Fundador e à Congregação. Ao lado de sua dissertação nas Cinco Chagas, para sua graduação em Teologia, seu trabalho de arte foi a “Gramática de Pe. Gaspar” – a coleção de escritos de nosso Fundador.

Foi também o autor do livro “Na Escola de Deus com São Gaspar Bertoni”.

Faleceu em Verona em 03/10/1998, aos 79 anos.

+ + +

Tradução para a Língua Portuguesa:

Pe. Benedito A. Bettini, CSS

+ + +

Editoração Eletrônica:

Pe. Ésio Fernando Juncione, CSS